

Os reflexos da mentira travestida de verdade

The reflections of the truly crossed lie

Los reflejos de la mentira verdaderamente cruzada

Vanja Ramos Vieira de Campos - Universidade Estadual de Campinas | Doutoranda em Educação, Faculdade de Educação - Unicamp | Campinas | SP | Brasil. E-mail: vanja.ramos@gmail.com | 

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

“Perceber como o mundo social funciona de fato é o maior desafio para uma vida com sentido, autonomia e direção própria” (Jessé Souza).

A classe média no espelho – sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade, obra de Jessé Souza, sociólogo, professor titular de Sociologia da Universidade Federal do ABC (UFABC) e ex-presidente do IPEA (2015/2016), é resultado de uma pesquisa teórica e empírica realizada entre 2015 e 2018.

O autor apresenta, neste trabalho, uma reconstrução histórica e social da classe média brasileira, a posição que ela assume na relação com a elite e com as classes populares no país nos últimos cem anos. Assim, organiza os eixos principais de ideias a fim de esclarecer as origens desse extrato social, os seus comportamentos e as raízes de seus princípios. Na apresentação do volume é evocada a parábola judaica do encontro da Verdade com a Mentira quando, depois de ludibriar a primeira, a Mentira viaja ao redor do mundo vestida com as roupas da Verdade. A intenção é olhar no fundo do espelho, como uma analogia, e buscar quais são as visões de mundo

refletidas nas características dessa classe social. Reflexos que possam desvendar os mecanismos de poder que a manipulam e mantêm sua passividade frente à exploração pela elite.

O livro está dividido em três eixos.

O primeiro eixo apresenta a moralidade da classe média - aqui o autor parte da desconstrução de alguns mitos.

O primeiro mito é o de que pairam postulações acerca de países protestantes, superiores e honestos e países católicos, inferiores e desonestos. “Nesse sentido, predomina a ideia de que os Estados Unidos até hoje são protestantes ascéticos e, por conta disso, mais produtivos e honestos que os outros” (SOUZA, 2018, p. 47). A referência está no núcleo da mensagem protestante, dominante em países como Inglaterra, Estados Unidos e Holanda em que: “Qualquer trabalho é digno desde que exercido da melhor maneira possível” (SOUZA, 2018, p. 35). Esse pensamento se contrapõe radicalmente ao modelo católico, onde tudo o que é associado ao espírito é nobre e o que está associado ao corpo é animal, banal e inferior. Assim, o mito nacional é negativo, o povo brasileiro de origem católica e ibérica tem uma auto percepção de inferioridade, dominado pelas emoções, animalizado, improdutivo e ignorante, além de moralmente corrupto.

Outro mito desconstruído na narrativa é o de que a classe social é definida exclusivamente pela sua renda. Jessé de Souza faz uma análise histórica e profunda das ideias e dos valores morais e aponta que classe social é, acima de tudo, um mecanismo de reprodução de privilégios em determinado tempo, ainda que positivos ou negativos. Esses privilégios são próprios da cultura de meritocracia, ou “mérito individual”. A camada excluída e abandonada é, desta forma, culpada por sua própria exclusão e fracasso. A elite econômica expropria a maior parte da população em seu benefício, tendo por base uma visão distorcida acerca do funcionamento da sociedade. No passado o trabalho desqualificado cabia aos escravos, atualmente grande parte da população brasileira, além de executar trabalho desqualificado, é privada dos serviços básicos como educação e saúde de qualidade.

O segundo eixo do livro descreve a gênese histórica da classe média no Brasil.

A escravidão e o escravismo, como base do sistema mercantil colonial, deixam profundas marcas na constituição da sociedade brasileira. A manutenção do escravo, da distância social em relação a ele, bem como a exploração, humilhação e baixa autoestima social são características

que concedem, ainda hoje, uma distância a uma massa de pessoas consideradas desclassificadas e desumanizadas.

O processo de urbanização, sobretudo associado à vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808, reorientou a vida social do país. No contexto da época, onde a propriedade estava concentrada nas mãos de poucos, a classe média emergiu como proprietária de conhecimento útil e de prestígio, como o único capital ao alcance daqueles que não são proprietários.

O processo de industrialização brasileiro alinhou-se, primeiramente, com a elite agrária e comercial/financeira dominante. O industrialismo, despontou, então, pelas mãos do Estado e mais à frente através das multinacionais, com interesses próprios de remessa de ganhos aos seus países de origem e de exploração de nossa mão de obra barata. Nesse contexto não coube à indústria remodelar os papéis sociais, como aconteceu em outros países. A classe média passou a ocupar postos de comando, consolidando a educação e o conhecimento como um diferencial de prestígio e valor. Este grupo vai buscar, de todas as formas possíveis, se afastar e se distinguir das classes populares, composta de abandonados e esquecidos, aos quais restaram as tarefas desqualificadas, que exigem maior energia muscular e pouco conhecimento. Desde o início seus movimentos e formas de organização e luta foram reprimidas com a truculência e a humilhação herdadas da escravidão.

Parte da classe média percebeu a industrialização como uma possibilidade de manter sua posição privilegiada e alinhou-se na representação de interesses da propriedade e da elite em todas as suas dimensões, distinguindo-se como a alta classe média. Ao mesmo tempo, a grande massa da classe média, que desempenhava funções intermediárias, também desfrutava de uma situação privilegiada de capital cultural, mais valorizado e comparativamente superior do que o incorporado pelas classes populares. Souza comenta:

O acesso privilegiado ao conhecimento valorizado pressupõe uma renda comparativamente maior da família, de modo a comprar o tempo livre dos filhos para que eles se dediquem apenas aos estudos. [...] os filhos das classes populares são obrigados desde a adolescência a estudar e trabalhar para ajudar em casa – obviamente não fazem bem nem uma coisa nem outra (SOUZA, 2018, p. 142).

A oposição entre “alta classe média” e “massa da classe média” se instalou no começo do século XX e contrapôs esses grupos tanto nos aspectos econômicos quanto nos aspectos políticos ao longo das últimas décadas.

O autor ressalta que o desprezo ao trabalho menos qualificado, exercido anteriormente pelo escravo, nos dias de hoje subjaz no ambiente capitalista sob a forma de estigma que afeta as classes populares. O medo da desclassificação social contém em seu bojo, principalmente, o temor à desumanização nas relações interpessoais cotidianas, à perda de direitos e ao tratamento como sub raça e sub classe, destinado ao legado da escravidão. Ele ressalta que o simples temor a esta possibilidade é um forte combustível usado por movimentos fascistas na manipulação das massas, conforme percebido nas eleições de 2018.

O terceiro eixo do livro contém trechos de entrevistas realizadas pelo autor com integrantes de diferentes segmentos da classe média.

No segmento social composto pela alta classe média, tende a ser menor o discurso entre o capitalismo financeiro e a vida prática de seus componentes. Esta fatia é composta de substitutos dos proprietários, que recebem alta participação de lucros, possuem status, defendem os interesses do conselho de acionistas numa linha divisória fluida e de difícil distinção entre a elite de proprietários. A abordagem parte do princípio de que há um posicionamento equivocado da classe média em se imaginar como elemento integrante da elite. Considera, ainda, que classe social não deve ser definida apenas pelo aspecto econômico, mas sobretudo por um aspecto moral de diferenciação social. Ele conclui:

Na massa da classe média, as visões de mundo tendem a ser mais diversificadas, multifacetadas e polarizadas do que na alta classe média. [...] Nesse segmento social, tende a ser maior a distância entre o discurso do capitalismo financeiro e a vida prática das pessoas (p. 248). Para o grupo da massa da classe média “é o medo objetivo da proletarianização que funciona como um deflagrador de todas as crenças antipopulares” (SOUZA, 2018, p. 252).

No desfecho o autor oferece considerações acerca de como o capital financeiro, usando da imprensa tradicional e das modernas mídias, se manifesta em um novo e dissimulado cenário de poder, se mostrando altamente eficaz quando exatamente se apresenta de forma invisível. É como se a população frísse de sua liberdade de escolha e autonomia.

Obra bem estruturada, com linguagem fluente e vibrante. As ideias se articulam numa visão histórica e crítica da sociedade, de seus aspectos constitutivos, bem como de seus legados cultural, econômico e político. Uma leitura instigante que convida o leitor corajoso a se despir de ilusões acumuladas durante anos para, então, conhecer a raiz dos valores morais e desvelar os mecanismos invisíveis que conduzem e manipulam a classe média.